

BRASIL: UM POVO QUE RESISTE

Cês pensa que é rabisco, mas é hieróglifo, tio. Cês pensa que é só modernidade, mas o bagulho é antigo. É tudo que já tava aí, mas que o Brasil finge ter esquecido. É ancestral e colorido. São telas de um futuro a viver. Pintadas com o tempo já vivido. Se liga, respeitável público. Respeito é pra quem tem. Abram alas pro Brasil que se veste por inteiro. De real, de genuíno. Que admira a própria forma, a própria métrica, o próprio ritmo. Cês pensa que cânone é só os cara que cês lê no livro. Mas aqui tem várias e vários. No samba, no funk, nas rima, no pixo. Na cultura popular, na quebrada do verso, no improvisado. Na favela, no sertão, na floresta, na mistura de tudo isso. Tudo que nois tem é nois. E esse é o nosso início. Dos braços de um povo guerreiro, esse é um projeto do futuro brasileiro.

“O Brazil não conhece o Brasil. O Brazil nunca foi ao Brasil.” Em 1922, a Semana de Arte Moderna deixou pro futuro essa real. Agora, com a chegada do centenário desvairado daquela paulicéia, o que restou foi a segunda parte da estrofe de Aldir Blanc: “O Brazil tá matando o Brasil. O Brazil não merece o Brasil”. As telas da vida real, nesses tempos, são de vidro. No touchscreen dos celulares ou nas polegadas e pixels dos notebooks. E elas trazem más notícias. Mais de 270 mil pessoas assassinadas pelo descaso de um governo que não as quis vivas. Ajuda, Aldir. “SOS ao Brasil”. Nois sonha mais alto que drones. Mas a artilharia dos covardes quer nos derrubar. A gente vai voar. A gente vai viver. A gente vai vencer.

São Paulo, maio de 2021. Terra de Mário, Oswald, de Tarsila. De Mano Brown, Negra Li e de Emicida. A Bienal da UNE convida: telas abertas, pintura coletiva. Desenhar um Brasil legítimo. Um Brasil com a juventude por cima. Do samba ao hip-hop, das quadrilhas juninas ao passinho. Da MPB ao forró, da bossa-nova ao sertanejo, do cinema ao Youtube, dos memes aos livros. Dos palcos às transmissões, de galerias a periferias, na antropofagia do caminho. Nas telas de um Brasil futuro, nasce um menino. Negro e pobre, que lança em si a experiência secular do nosso destino. Ele prepara a terra, aduba e faz o plantio. E o ciclo dessa colheita é o nosso próprio fazer artístico. Decolonial, brabo, transgressivo, disruptivo. O sistema é nois. E se é nois, nois burla. Cês pensa que é hackeamento, só que é muito mais, é a cura.

Nosso beat atravessa o tempo, no tambor do terreiro ou no grave do baile. Hino de preto, de favelado. Que quando toca, ninguém fica parado. Nossa feat é com o povo porque nós temos lado. Conhecimento das crew, das tribo e dos reinado. A gente se estuda, a gente

se ensina, é circular como Freire, pedagogia do encantado. É resistência, é dialeto, tipo Lélia Gonzalez. Revolução de Dandara e Zumbi dos Palmares. É o mundo em mulher, tipo Elza Soares. Elza dos ares, dos morros, dos mares. Elza do Brasil que deu certo. Espelho de vitórias, representatividades. Homenageada dessa Bienal, retumbante na ascensão da mãe gentil. Elza de amores e dores. Farol vivo do ser e do estar do Brasil. Respeito.

Respeita a UNE, respeita os estudantes. Respeita a ciência que não é baderna, respeita a creche, a escola técnica, respeita a vida, o conhecimento, o diploma dos pobres, as portas abertas. Entramos. Ninguém sai. Respeita o CUCA, em seus 20 anos. O poder da cultura, das minas, dos manos. Dos jovens armados de spray ou aquarela. Das telas nas faculdades. Das telas nas favelas. Respeita os sonhos da arte moderna. Brasil por Brasil, antropofágico e possível. Da diversidade a unidade incrível. Respeita as lésbica, as trans, quem é invisível. As gay, as bi, o arco-íris irreversível. Brasil sem volta, pintado de nois. Da nossa força e da nossa voz.

Só a brasilidade, essa veia aberta da América Latina, nos une. Socialmente, filosoficamente, na origem índia, negra, portuguesa desse povo em construção. Porque entre ser Tupi ou não Tupi vive a questão. Do amálgama lusitano, caboclo, mestiço, a nossa formação. Da identidade nacional, uma arquitetura de nação. Liderada por mestres de terreiros e Zés do Carçoço, como canta Leci Brandão. Leci, madrinha majestosa do samba e do rap. Nos pandeiros e nas picapes, nossa festa, nosso encontro, nossa manifestação.

Como diz o Djonga: essa vai só pra quem pensou que nois tá fraco. O terror voltou. Calma, cês acha que nosso ódio é grande. Mas cês não viram o tamanho da nossa esperança. Vencer a pandemia e o verme maior que se alimenta dela. Botar fogo no engenho, pra renascer a primavera. Antirracista, antifascista, antinegacionista. Vacinar um povo livre de milícias e golpistas. Fora, rato genocida e criminosos da família. Dentro, estado de Direito. Saudades, democracia. Vamos virar dentro e fora do que sobrou da política. Com a juventude e os artistas, com protestos e poesia. Com as mulheres, professores, trabalhadores e a academia. Nos campos e nos campi. Laboratórios e palcos da vida.

Cês pensa que as ideia é loka. Mas tem método. Arte pra libertar, pra transformar, mobilizar. Arte moderna pra modernizar. Luta moderna pra sempre lutar. Atualizar as nossas bandeiras. Conectar, adaptar. Nas telas das lives, nos mantemos em contato. Fortalecendo nossos sonhos nas caixas de comentários. Moderador, abre nosso microfone, que vamo mandar recado. Criar pontes pelas redes, hashtags, molotovs e

peças de teatro. Nas telas de um Brasil futuro, a cultura é tecnologia. Solidária, estética, do Twitter à periferia. Às imagens projetadas nos prédios do centro. Empenas grafitadas, intervenções urbanas. Os meninos no poder, erupções humanas. Transmitidas à frente, por podcasts ou slammers. Griôs, MCs, blogueiras negras, pra deixar um país em chamas. Nós, artistas e estudantes, como força motriz dessa mudança. Que começou há um milésimo de segundo atrás. É tudo pra ontem.

No através, vemos o além, o que pode vir, a possibilidade. A tela em aberto, os rumos dos ventos, os temporais e as estiagens. Cês pensa que é o fim da história, mas é só intervalo pra outro capítulo. Nas telas de um Brasil futuro, nosso spoiler é: ganharemos o título. Brasil campeão, com time de índios, negros e pobres. Tipo a bandeira da Mangueira. O samba é nosso imperador. O povo é nossa Estação Primeira. Tipo trenzinho caipira, com funk carioca de base. Heitor Villa Lobos, DJs e batuqueiros edificando a utopia da modernidade. Há quase duzentos anos, inventaram nossa independência. Nas telas do Brasil de hoje, um povo e sua resistência.